Capítulo II — O grande fato

I

Eis o fato.

Diante desse gigante do mundo moral encontram-se igualmente, sem poder evitá-lo, o crente e o incrédulo.

Para compreender o valor desse fato estonteante, é preciso decompô-lo e estudá-lo peça por peça, em si mesmo e em suas consequências.

II

O Mundo. E que mundo? É o mundo das luzes. É a Europa, a América, a porção inteligente da Ásia e da África. É a eterna pátria dos grandes homens e dos grandes povos; a terra nutriz do gênio, da ciência, da literatura e das artes. Em uma palavra, é, sem contradita, a parte mais esclarecida, ou mesmo a única esclarecida, do gênero humano, e a menos disposta a deixar-se seduzir pela impostura e dominar pelos preconceitos.

III

Esse mundo adora. Que quer dizer isto? Quer dizer que ele crê, com uma fé inabalável, que um Judeu crucificado é Deus, o Criador do mundo, o Moderador dos impérios, o Eterno, o Todo-Poderoso, o Juiz supremo dos vivos e dos mortos.

Em consequência, presta-lhe um culto soberano e não o presta senão a ele. Só a ele levanta templos e oferece sacrifícios. Só para ele faz subir seus votos e suas ações de graças. Só nele põe suas esperanças. Só dele espera todos os bens. Só para ele é o seu amor: amor manifestado por sacrifícios de toda espécie, mesmo os mais custosos à natureza.

IV

Um Judeu crucificado. O objeto desse culto universal, brilhante, invariável, da elite do gênero humano, é um Judeu crucificado. Que é um Judeu? Na época em que viveu o Judeu adorado, Jesus de Nazaré, os Judeus eram o ridículo do resto do mundo. Baixeza, ignorância, superstição,

velhacaria eram sinônimos de seu nome. A prova está nos autores pagãos, como Cícero, Horácio, Tácito, Suetônio, Marcial.

Longe de modificar a opinião em favor deles, o tempo a tornou mais hostil. De ridículos, os Judeus tornaram-se odiosos. Durante dezessete séculos, o Judeu foi confinado nas cidades cristãs, como um ser perigoso e impuro. Na França, há menos de oitenta anos, liam-se nas grades de certos passeios públicos as palavras: *O Judeu e o porco não entram aqui.* Na África, o árabe maometano ainda pode impunemente insultar o Judeu, puxá-lo pela barba, bater-lhe, cuspir-lhe no rosto.

V

Para mudar essa antipatia universal, a emancipação moderna é impotente. Do Judeu ela pode fazer um cidadão; jamais fará dele um francês, um alemão, um inglês. Diante da lei, igual aos demais habitantes, o Judeu não o é na estima pública. Esta só lhe vem na proporção em que deixa de ser Judeu. Isso é tão verdadeiro que ainda hoje, para pintar numa só palavra um traidor, um velhaco, um usurário, diz-se: É um Judeu. O próprio Judeu enrubesce de chamar-se Judeu, tanto sente aviltado esse nome. Afeta outro, o de Israelita.

VI

Jesus de Nazaré não é apenas um Judeu, é um Judeu crucificado. No tempo em que a sofreu, a crucifixão era, de todos os suplícios, o mais ignominioso. «Para os escravos, os salteadores, os assassinos, os sediciosos, o suplício era a cruz. Ficavam ali pendurados até morrerem de fome, de sede, de dores; depois da morte, pasto dos cães e dos corvos.»[^1]

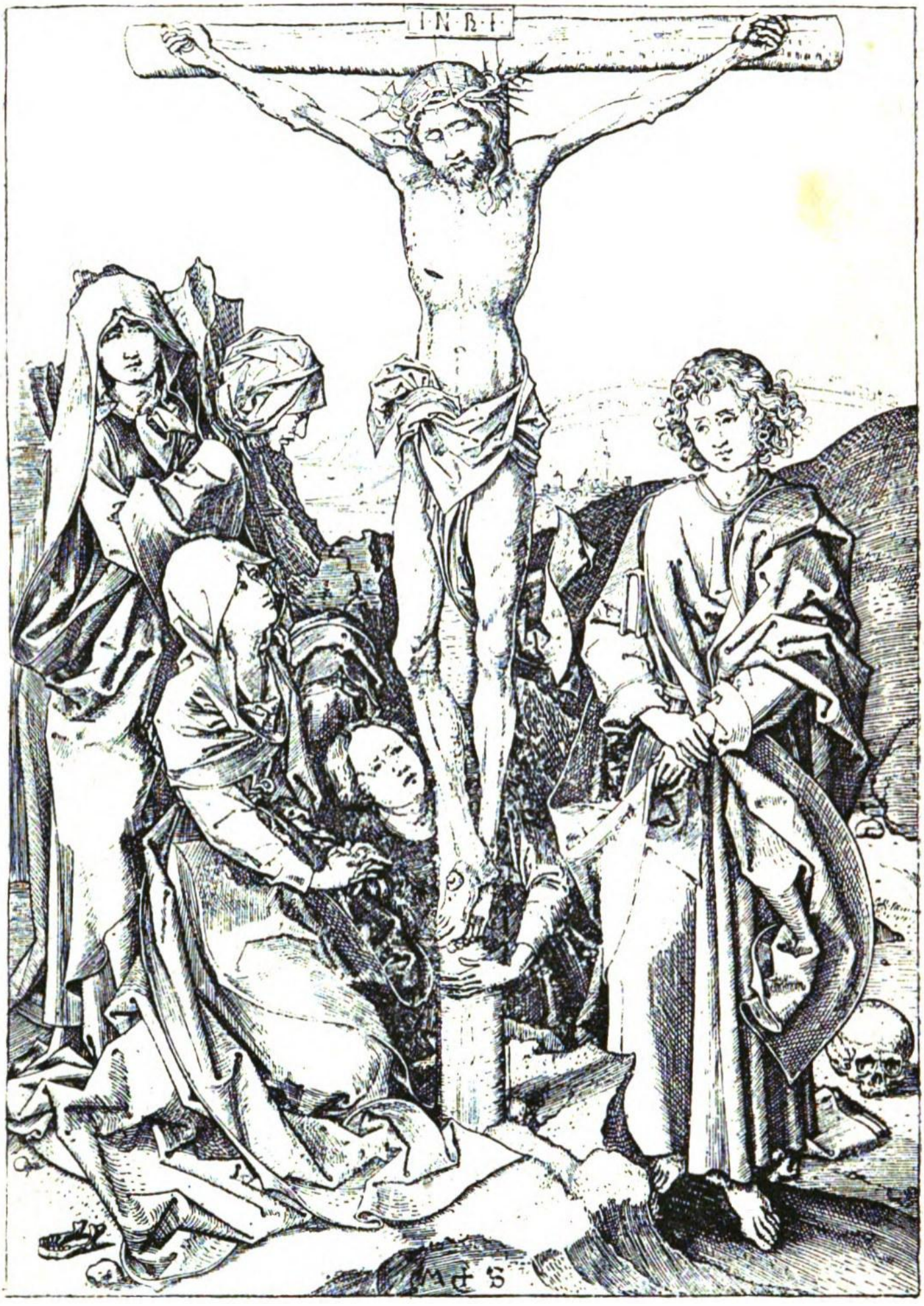
VII

Assim, quem diz Judeu crucificado diz tudo o que há de mais vil entre os mais vis, de mais maldito entre os malditos, de mais difamado entre os difamados, o próprio opróbrio da plebe e o último refugo das nações.

Segue-se daí que, ao adorar um Judeu crucificado, o mundo, e o mundo civilizado, é ao mesmo tempo ator e testemunha de um fato que ultrapassa os últimos limites do absurdo: UM VERME SOBRE OS ALTARES DO GÊNERO HUMANO![^2] Eis o fato.

[^1]: *Servorum, latronum, sicariorum et seditiosorum supplicium crux erat, cui illi affigebantur, et in ea pendebant, donec fame, siti, doloribus enecarentur, post mortem suam canum et corvorum relicti cibus. Itaque supplicio illo non aliud apud Romanos infame magis et acerbum magis.* («A cruz era o suplício dos escravos, dos salteadores, dos sicários e dos sediciosos; eram nela pregados e ficavam pendurados até morrerem de fome, de sede e de dores, e depois da morte eram deixados como pasto de cães e de corvos. Por isso, entre os romanos, nenhum suplício era mais infamante nem mais cruel.») — Lamy, *Dissert. de Cruce*, § 1, p. 573.

[^2]: *Vermis et non homo.* — «Mas eu sou bichinho, e não homem» (Sl 21, 7).


I N R I

O mundo adora um Judeu crucificado. Segundo a obra de Martin Schongauer (século XV), reproduzida por Amand-Durand.



O culto dos ídolos. Segundo uma gravura do *Dicionário da Bíblia*, de dom Calmet, Paris, 1722. — O apego dos pagãos à sua religião era um obstáculo

> humanamente intransponível ao estabelecimento do cristianismo. (Ver o texto, p. 30.)

Revision #2
Created 22 November 2026 12:49:32 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin